

# Plataformas digitais e a reestruturação dos mercados erótico-sexuais brasileiros<sup>1</sup>

*Lorena Caminhas (Unicamp)*

Este artigo investiga uma recente transformação nos mercados erótico-sexuais brasileiros, provocada pela entrada de plataformas digitais nesses comércios. Trata-se de um profundo processo de reestruturação econômica e laboral encabeçado pelas plataformas, que passaram a atuar com ordenadoras e reguladoras do sexo e erotismo comercial online. Neste texto intenciona-se desvendar os contornos desse processo, olhando para seus dois principais componentes: uma reformulação estrutural da economia de sexo e erotismo no digital, marcada por uma primeira fase de descentralização e uma segunda de recentralização dos negócios pelas plataformas; uma modificação profunda no exercício do trabalho sexual, que passa a ser formatado pelas infraestruturas técnicas e econômicas das plataformas.

O presente estudo reivindica uma abordagem econômica dos mercados erótico-sexuais, considerando suas dimensões de transação comercial, de estruturação empresarial e de modalidades laborais. Assim sendo, ele ressoa pesquisas desenvolvidas nessa linha (Silva e Blanchette, 2009; Agustín, 2007), que refletiram sobre as dinâmicas econômicas que formatam o trabalho sexual. Tomando como ponto de partida essas investigações, este estudo pretende ampliar essa perspectiva para compreender a entrada das plataformas digitais nesse universo. Para tanto, vou abordar nas próximas páginas como os mercados erótico-sexuais brasileiros foram sendo paulatinamente digitalizados, evidenciando os principais formatos de serviços sexuais online. Na sequência, vou contextualizar a chegada das plataformas, lançando mão da literatura a respeito da ascensão de uma economia de plataformas que explica como essas infraestruturas passaram a ordenar as relações econômicas e laborais. Por fim, vou demonstrar como a reestruturação dos mercados erótico-sexuais brasileiros nessa conjuntura, indicando as alterações em seus modelos mercadológicos e formatos laborais. Vale salientar de partida que este texto não se sedimenta a partir de uma perspectiva de dominância das plataformas; ao contrário, ele propõe ponderar sobre as dinâmicas de negociação e dependência que tomam corpo na economia de plataformas atualmente presente no sexo e erotismo comercial.

## **Metodologia**

Esta investigação se embasa em uma etnografia digital iniciada em 2016 nos mercados erótico-sexuais digitais no Brasil. Os primeiros quatro anos do estudo etnográfico (2016 a 2019) foram dedicados a analisar a indústria brasileira de webcamming<sup>2</sup>, a primeira a empregar o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no 44º Encontro Anual da ANPOCS, no GT 40 – Sociedade e Vida Econômica.

<sup>2</sup> Trata-se de uma atividade que promove o encontro erótico/sexual entre um/a performer com um ou mais usuários através de um sistema de *streaming* (transmissão ao vivo). As exibições por webcam são realizadas em plataformas que oferecem a infraestrutura técnica e comercial para o encontro. Em geral, essas performances são cobradas por minuto e os valores variam a depender da modalidade de chat selecionada (por exemplo, um chat privado com voyeurs custa cerca de R\$2,50 o minuto).

modelo econômico das plataformas nos mercados de sexo. A partir de 2020, a pesquisa se direcionou às recentes plataformas digitais mais usadas por brasileiros/as para comércio de sexo e erotismo: OnlyFans e ModelHub. Antes de prosseguir com a explicação dos trâmites da análise, é essencial delinear os contornos de ambos os campos que fazem parte desta pesquisa. Eles representam os dois principais formatos de plataformas presentes no erotismo e sexo comercial digital brasileiro: as exclusivas e as abrangentes. As exclusivas são plataformas que oferecem uma única forma de trabalho sexual, que é direcionado e formatado pelas regras pré-estabelecidas pelos termos de uso e serviço (tal como ocorre com o webcamming). As abrangentes são plataformas que abrigam variadas formas de serviços eróticos e sexuais, funcionando como espaços para a comercialização de vários produtos e performances (vídeos, fotos, clipes, filmes, exibicionismo, chats). Essas últimas são um desdobramento mais recente da platformização do sexo e erotismo comercial no Brasil, aprofundando a tendência de “empreendedorismo sexual” (Rand, 2019b) que atribuiu um papel central aos/as trabalhadores/as sexuais no processo de produção, divulgação e comercialização de seus produtos/serviços. Essas plataformas são responsáveis por borrar as fronteiras entre as diversas modalidades de trabalho sexual, que passam a ser reunidas na noção guarda-chuva de “produção de conteúdo” (Rand, 2019a).

A etnografia digital se baseou na perspectiva de Hine (2015), autora que afirma a similaridade da prática etnográfica em todos os contextos socioculturais. Segundo Hine (2015) e Rufas e Hine (2018), a observações etnográfica ocorre por meio de um acompanhamento sistemático e extensivo de algum fenômeno social, considerando os vários contextos nos quais ele toma corpo (seja ele em contexto online, presencial, etc.). Para esses autores, o que marca a etnografia é o aprofundamento sensível e analítico no campo, considerando seus contornos simbólicos, materiais e interacionais. Partindo de concepção similar, Miller e Horst (2012) propõem que a etnografia se dedique a averiguar as mediações socioculturais que compõem as materialidades que perpassam e constituem os fenômenos cotidianos. Em se tratando da etnografia no digital, a materialidade da infraestrutura tecnológica e das trocas simbólicas deve ser considerada, compreendida como parte fundante da realidade analisada. As perspectivas supramencionadas são particularmente importantes para este trabalho, uma vez que elas capturam a centralidade das infraestruturas técnica, comercial, simbólica e laboral por de trás das plataformas digitais, considerando-as mediações primordiais da experiência no online. Ademais, como bem pontua Van Doorn (2017), a compreensão da etnografia como uma prática analítica abrangente e atenta às mediações socioculturais torna esse método central na reflexão sobre as complexas relações estabelecidas nas e com as plataformas digitais.

A observação etnográfica foi realizada em plataformas para comércio de sexo e erotismo (duas exclusivas e duas abrangentes<sup>3</sup>) e na plataforma de mídia social Twitter. As plataformas exclusivas e abrangentes foram acessadas, inicialmente de duas a três vezes por semana,

---

<sup>3</sup> A análise da primeira etapa da etnografia se concentrou nas duas principais plataformas de webcamming do Brasil. Opta-se por não as nomear aqui devido à posição ética assumida no início do estudo de não identificar os espaços para realização de webcamming no contexto nacional. As duas plataformas abrangentes são OnlyFans e ModelHub.

buscando compreender e cartografar seus modos de funcionamento. Nos meses iniciais de cada etapa do estudo (agosto a outubro de 2016 e agosto a outubro de 2020), foram coletados dados sobre a organização das homepages, o funcionamento dos perfis de trabalhadores/as sexuais, os contratos e termos de serviços, as formas de pagamento e as taxas praticadas, as modalidades de comércio disponíveis (serviços/produtos centrais). Nessa etapa, foram tirados *print screens* dos principais elementos de ordenação das plataformas. Seu funcionamento foi sistematizado em documento suplementar da pesquisa, atualizado sempre que havia mudanças nas dinâmicas de funcionamento. Quando já se estava familiarizado com o funcionamento e ordenação das plataformas, elas passaram a ser acessadas esporadicamente, sempre que necessário atualizar ou confirmar informações.

A etnografia no Twitter foi mais extensiva e continuada, principalmente porque ela é a plataforma de mídia social mais utilizada no comércio de sexo e erotismo no Brasil. Nela, parte significativa dos/as profissionais do sexo que atuam no digital possuem perfis de trabalho nos quais eles/as interagem entre si e com seus consumidores. No Twitter, eles/as comercializam seus produtos/serviços, promovem rifas e sorteios, fazem promoções, postam vídeos e imagens eróticas e sexuais, comentam seu dia-a-dia e divulgam seus perfis em outras plataformas dedicadas ao mercado erótico-sexual. Destarte, o Twitter funciona como um intermediário desses mercados, sendo o espaço em que diversos produtos, serviços, profissionais e plataformas ficam visíveis para o público. Ele atua também como um lócus para que trabalhadores/as criem sua marca pessoal, iniciando um negócio próprio de produção/publicidade/venda de conteúdo que vai ser gerido nas distintas plataformas. Por conseguinte, o Twitter é a plataforma que direciona os consumidores às plataformas exclusivas e abrangentes, promovendo uma busca orientada aos/às performers.

Nesta investigação utilizei meu perfil pessoal no Twitter para interagir com o universo analisado. Considerei essa estratégia pertinente ao campo, tendo em vista que esses mercados online são marcados por muita desconfiança e suspeição. Muitos são os perfis falsos que entram em contato com profissionais do sexo, seja para solicitar produtos/serviços gratuitos, seja para enviar mensagens ofensivas. A fim de promover a confiança e a cumplicidade com os/as interlocutores/as, optei por estabelecer meu perfil privado como perfil da pesquisa. A etnografia no Twitter começou com uma busca pelos/as performers das plataformas exclusivas e abrangentes. Para isso, foram buscados nas plataformas aqueles/as performers com nomes mais exóticos, que não retornariam muitos resultados em uma busca no Twitter. Ademais, foram localizados os perfis das próprias plataformas nessa mídia social e por meio deles foram encontrados/as outros/as performers. Todos/as os/as profissionais detectados foram adicionados em meu perfil pessoal como amigos e suas atividades online passaram a ser acompanhadas diariamente. Decidi realizar a etnografia no Twitter seguindo os mesmos padrões de usos hodiernos das mídias sociais: acessava o Twitter várias vezes por dia, sem horários estipulados previamente, acompanhando as atividades pelo feed de notícias. Devido a essa estratégia, a análise etnográfica se inicia no segundo semestre de 2016, mas não tem um momento de finalização, haja vista que continuo em campo coletando material de pesquisa em

meu Twitter pessoal. Ao longo da etnografia, a coleta de informações no Twitter ocorreu ao menos uma vez por dia em todos os dias úteis. As postagens centrais para o estudo foram conservadas em forma de *print screen*, posteriormente catalogadas por temas.

Em consonância à etnografia, foram realizadas quinze entrevistas em profundidade com mulheres cisgênero que atuam nas plataformas de webcamming. Entrevistas com performers que atuam em plataformas abrangentes ainda não foram desenvolvidas. As mulheres cisgênero foram centralizadas na primeira etapa de entrevistas porque elas eram a mão-de-obra central desses mercados (em segundo lugar estavam os homens cisgênero, em terceiro as mulheres transexuais e somente mais recentemente entraram homens transgênero nesses comércios). Todas as entrevistas foram feitas entre 2017 e 2018 e buscavam compreender a trajetória de entrada e permanência em mercados erótico-sexuais digitais. Elas discutiram também as especificidades desses mercados e o papel das plataformas neles. Todas as interlocutoras foram nomeadas com pseudônimos escolhidos aleatoriamente.

### **Mercados erótico-sexuais e as plataformas digitais**

Esta seção do artigo contextualiza a formação de mercados erótico-sexuais digitais no Brasil, situando a chegada das plataformas e seus principais impactos. A fim de destacar a importância desses novos atores no comércio de sexo e erotismo online, esta seção introduz a discussão sobre economia de plataformas e suas modalidades laborais, refletindo como essas infraestruturas digitais têm operado organizando e gerenciando o sexo e erotismo comercial.

#### *Os mercados erótico-sexuais digitais e o contexto brasileiro*

O campo empírico deste artigo corresponde ao comércio de sexo e erotismo, definido por Agustín (2007) como todas as atividades e bens de consumo voltados à expressão libidinal, congregando uma série de serviços que podem ser realizados presencialmente ou remotamente, e que combinam heterogêneas formas de troca comercial. Segundo a autora, esses mercados são compostos por bordéis, hotéis, determinados clubes e bares, cabarés, linhas telefônicas eróticas, sexo virtual, sex shops, casas de massagem, saunas, filmes e revistas pornográficas, prostituição de rua – em suma, uma miríade de formas de contratar e ofertar experiências sexuais e sensuais. Sanders et al. (2018) partem dessa mesma conceituação, propondo discernir os tipos de mercados erótico-sexuais em duas modalidades principais: uma direta, constituída por práticas que demandam copresença e contato físico entre os interagentes, tais como a prostituição e as massagens eróticas; outra indireta, formada por práticas realizadas à distância, geralmente mediadas por mídias eletrônicas ou digitais, a exemplo da pornografia, dos chats eróticos e do *webcamming*.

Nos últimos anos, os mercados erótico-sexuais vêm sofrendo um profundo processo de reestruturação marcado, primeiro, pela apropriação de ferramentas da internet para o comércio de serviços sexuais (Sanders et al., 2018) e, segundo, pelo aparecimento de plataformas digitais que passaram a ordenar e gerenciar esses negócios (Rand, 2019b). Desde o início dos anos 2000 acompanhamos o desenvolvimento de debates acerca dos impactos da internet nesse universo,

que apontaram para a migração de diversos serviços diretos e indiretos para o ambiente online (Cunningham e Kendall, 2011; Cunningham et al., 2017); o surgimento de novas modalidades de comercialização de sexo e erotismo mediados pela web (Bleakley, 2014); e as profundas alterações ocorridas em atividades intermediadas por tecnologias analógicas, como a pornografia (Attwood, 2007; Paasonen, 2018). A literatura sobre essa temática vem apontando o desenvolvimento de mercados erótico-sexuais digitais, diagnosticando uma ampla modificação dos formatos comerciais e das modalidades de trabalho sexual (Sanders et al., 2018).

No Brasil, as discussões sobre a formação de mercados erótico-sexuais digitais vêm sinalizando alterações nas indústrias já consolidadas, como a de pornografia, e o aparecimento de outras modalidades de comércio de sexo e erotismo, demonstrando como essas atividades mediadas pela internet se instauraram. Parreiras (2015) discutiu a formação do *altporn* nacional, um pornô que se apropria das ferramentas da web para descentralizar a produção pornográfica e propor uma estética subversiva em relação ao processo industrial analisado por Díaz-Benítez (2009). Silva (2014), por seu turno, escrutinou o surgimento de uma nova modalidade de trabalho sexual online, que se inserem nas dinâmicas das economias sexuais tal como apresentados em Piscitelli (2005): o exibicionismo via webcam, conhecido como *webcamming* ou *camming*, que consiste na encenação de práticas eróticas e sexuais via *streaming*. Caminhas (2020) diagnosticou a erosão das fronteiras nos mercados erótico-sexuais digitais, que cada vez mais aparecem atrelados ao trabalho de “produção de conteúdo”, e a hibridização dos modelos comerciais de sexo e erotismo online, que passam a ser em parte processos artesanais e em parte industriais.

No interior das pesquisas que identificam a formação de mercados erótico-sexuais digitais, alguns autores como Sanders et. al. (2018), Rand (2019a) e Caminhas (2020) começaram a assinalar a entrada de plataformas digitais nesses comércios, provocando sua reestruturação em termos da organização econômica, do gerenciamento do trabalho sexual e das infraestruturas técnicas e morais. Os mercados erótico-sexuais em processo de plataformação são compreendidos como modalidades reestruturadas do comércio digital, sendo composto majoritariamente por trabalhos indiretos (Rand, 2019a). Cunningham et al. (2017) e Sanders et al. (2018) diagnosticam a chegada das plataformas nos trabalhos diretos, mas afirmam que eles ainda não compõem parte significativa do comércio de sexo e erotismo nessas infraestruturas online. Segundo Rand (2019b) e Caminhas (2020), a reestruturação trazida pelas plataformas diz da entrada de novos intermediários no trabalho sexual, intermediários esses que passam a ter ingerência sobre os serviços, direcionando modos de contratação e pagamento, estipulando taxas, desenhando infraestruturas para as performances, definindo práticas aceitas e vetadas, selecionando trabalhadoras e trabalhadores por meio de cadastro, e promovendo sistemas de avaliação. Ademais, esses mediadores promovem renovadas modalidades de exercício do trabalho sexual, cada vez mais dependente da publicidade e da constante produção de conteúdos inéditos para manutenção da visibilidade da/do performer (Sanders et al., 2018).

Em termos das transformações no trabalho sexual, Rand (2019a, 2019b) aponta para a constituição de uma classe de “empreendedores do sexo”. Ainda que os mercados erótico-sexuais sempre tenham sido marcados pelo trabalho autônomo e pela gestão individual das atividades (Piscitelli, 2016), nos serviços plataformizados o que está em jogo é a criação de um negócio privado, em que trabalhadores/as elaboram sua marca pessoal e desenvolvem uma participação singular nas plataformas, sustentando-se em sua visibilidade e notoriedade no ambiente online. Assim sendo, trabalhadores/as formulam, avançam e gerenciam uma carreira no sexo comercial, definindo suas formas de atuação, seu tempo conectado, sua participação em mídias sociais e suas metas financeiras, baseando-se em ideais de flexibilidade, empreendedorismo e livre escolha (Sanders et al., 2018). Ademais, vale notar que esses/as trabalhadores/as também passam a ser responsáveis por produzir, divulgar e comercializar produtos e serviços, utilizando o ambiente das plataformas para implementar seus negócios (Caminhas, 2020).

A entrada das plataformas nos mercados erótico-sexuais trouxe renovadas possibilidades de trabalho, muitos dos quais proporcionam maior arrecadação, flexibilidade, anonimato e segurança (Sanders et al., 2018). Entretanto, como demonstra Rand (2019a), as plataformas também provocam uma série de desigualdades e desvantagens para trabalhadores/as. Por um lado, elas tendem a monopolizar o comércio de sexo e erotismo online, assumindo uma posição de poder: definem quem tem acesso a essas atividades e sua condição de permanência; canalizam os consumidores finais, direcionando suas escolhas para pessoas em destaque em seus espaços; criam a demanda por uma abundante mão de obra disponível e renovável. Trabalhadores/as têm suas opções de plataformas limitadas, tendo que aderir àquelas mais conhecidas e procuradas pela clientela. Nesse processo, eles/as se encontram diante de condições desvantajosas, como altas taxas de transação (para receber e retirar pagamentos), critérios arbitrários de disposição de suas imagens na homepage, e falta de controle sobre os dados fornecidos no momento do cadastro e durante sua permanência nas plataformas. Por outro lado, as plataformas se apresentam como renovadas possibilidades de comércio erótico-sexual, ampliando as possibilidades de venda de produtos/serviços e aumentando a rentabilidade de trabalhadores/as sexuais (Rand, 2019a). Ademais, elas situam seus modelos econômicos como flexíveis e dinâmicos, permitindo que os/as profissionais definam seu próprio horário e local de trabalho, suas metas financeiras, as práticas que vão comercializar e quem vão atender (Caminhas, 2020). Assim, as plataformas constituem-se como atores de tensionamento nos mercados erótico-sexuais, trazendo consigo um conjunto de possibilidades e entraves para os envolvidos nesse universo.

### *Economia de plataforma*

O fenômeno aqui analisado se desenrola a partir do desenvolvimento e da expansão das plataformas digitais, que passam a atuar como infraestruturas materiais, econômicas e interacionais da internet (Gillespie, 2010). O advento das plataformas sinaliza alterações técnicas e simbólicas do digital: por um lado, elas apontam para a proliferação de redes e sites

proprietários que gerenciam o fluxo de pessoas e o compartilhamento de dados, se opondo à internet aberta e generativa (Poell et al., 2020); por outro lado, elas indicam a institucionalização de intermediários econômicos e culturais, que administram as possibilidades de comunicação, interação e comercialização (Gillespie, 2010), incidindo em processos socioculturais de estabelecimento de diferenças e desigualdades (Van Dijck et al., 2018). Em termos gerais, conceitua-se as plataformas como dispositivos sociotécnicos baseados em infraestruturas digitais, organizados pela coleta sistemática de dados, pelo processamento algorítmico e pela monetização da circulação de conteúdos e pessoas (Helmond, 2015; Poell et al., 2020). Para além dos aspectos técnicos, as plataformas assumem no seio social a posição de mediadores ou intermediários, afirmando-se como facilitadoras e promotoras das atividades e interlocuções online. Nesse sentido, segundo Gillespie (2010), elas se instituem em meio às tensões entre: a produção de conteúdo dos usuários e sua posterior comercialização; o fomento à formação de comunidades que sustentam a publicidade e a venda de dados; e a manutenção de uma fachada de neutralidade e imparcialidade conjugada à ingerência sobre as atividades dos usuários.

A expansão das plataformas no ambiente online engendra uma processualidade, denominada pela literatura como plataformização (Poell et al., 2020; Helmond, 2015). Essa processualidade aponta para a ascensão das plataformas como infraestruturas e modelos interacionais e econômicos dominantes do digital, que se desenrola a partir de quatro dimensões principais: a construção da infraestrutura de dados conduzida pela dataficação (Van Dijck, 2014); a conformação de mercados plataformizados (Langley e Leyshon, 2016); o desenvolvimento de instrumentos e processos de governança (Gorwa, 2019); a articulação de práticas culturais e interacionais nos usos cotidianos (Poell et al., 2020). Vale salientar que a plataformização se estabelece em meio às tensões entre uma lógica generativa de produção e compartilhamento de conteúdo e outra de controle da infraestrutura de dados, instaurando múltiplas formas de desigualdades (Schwarz, 2017).

O campo deste estudo se insere na conjuntura supramencionada de desenvolvimento das plataformas digitais e a conseqüente plataformização do online, situando-se em uma de suas dimensões principais: a econômica dos mercados plataformizados, marcada por modalidades específicas de comercialização e de organização do trabalho. A modalidade econômica própria às plataformas se fundamenta a partir dos desdobramentos de uma economia do compartilhamento (*gift economy*), que paulatinamente vai sendo transformada em uma economia de plataforma ou economia de bicos (*gig economy*) (Ravenelle, 2017). Conforme Terranova (2000), a economia do compartilhamento surge junto à internet, constituindo-se por meio de atividades colaborativas e comunitárias que reverberavam em distribuição gratuita de softwares e bens culturais diversos. Para a autora, ainda que essa economia estivesse baseada na produção voluntária e no livre acesso (sem monetização), nela já se inscreviam processos de produção de valor que incidiam sob os bens compartilhados e a força de trabalho (considerada inicialmente como “trabalho livre” por ser opcional e espontânea). A *gig economy* surge como um desdobramento do fenômeno do compartilhamento, apropriando sua estrutura informal e

generativa para as empresas de plataformas, que passam a fornecer uma infraestrutura técnica, econômica e simbólica para suprir demandas e ofertas por determinados serviços e bens de consumo, fundamentando um mercado *on-demand* em que trabalhadores e consumidores são intermitentes. Assim, ela se constitui como uma canalização e um redirecionamento da *gift economy* para transações em larga escala e com finalidades monetárias, aproveitando-se de seu caráter descontínuo, voluntário e individual (Ravenelle, 2017).

A economia *on-demand* das plataformas se institui a partir do desenvolvimento de empresas que fornecem e coordenam as infraestruturas do digital, posicionadas como intermediários, que fundamentam mercados em que oferta e demanda supostamente se autorregulam (Langley e Leyshon, 2016). Wood et al. (2019) pontuam que a lógica *on-demand* se assenta em dois polos principais. Em primeiro lugar, as empresas de plataformas buscam assumir o papel de intermediários da compra e venda online, situando-se como um ambiente de encontro entre as partes da relação comercial (que precisam se cadastrar fornecendo dados pessoais e aceitar os termos de uso para permanecerem conectados). Entretanto, conforme Langley e Leyshon (2016), as plataformas se constituem como organizadoras e moderadoras da circulação econômica digital, na medida em que elas formalizam as regras de engajamento nos mercados, muitas vezes definindo valores e taxas, estabelecendo condições para as trocas e concluindo toda a transação financeira (Calo e Rosenblat, 2017). Nesse sentido, elas atuam menos como intermediários das conexões e mais como seus curadores (Langley e Leyshon, 2016). Em segundo lugar, a mão de obra da *gig economy* é formada por “empreendedores individuais”, que empregam formas “autodeterminadas de trabalhar” sem estabelecer vínculos laborais com as plataformas (Schmidt, 2017). Destarte, o trabalho nas plataformas é tido como um empreendimento individual, cuja responsabilidade é atribuída ao trabalhador, sem garantias e direitos trabalhistas, mas também supostamente sem ingerência dos “intermediários” (Van Doorn, 2017). Schmidt (2017) pontua que os trabalhos em plataformas se conformam como atividades fragmentadas, realizadas de modo flexível por trabalhadores intermitentes e renováveis que empregam seus próprios recursos na execução das tarefas. Tratam-se de ocupações desprovidas de seguridade social, tornadas atividades, projetos, tarefas e microtarefas, ampliando os processos de precarização laboral.

Os trabalhos em plataformas se dividem em duas modalidades principais, que coordenam os tipos de atividades a serem executadas: o *cloud work* e o *gig work* (Schmidt, 2017). O primeiro trata daquelas tarefas em que todo o processo ocorre no ambiente online, desde a contratação até a execução do serviço e o pagamento (como no Upwork<sup>4</sup> e também nos trabalhos sexuais digitais como o pornô e o webcamming). Nesse segmento, estão incluídos o mercado de freelancers, de microtarefas e o *crowd work* (trabalho de multidões, em que grande número de pessoas executam a mesma função). O segundo diz das tarefas em que o contato inicial entre contratado e contratante passa pela internet, inclusive o sistema de pagamentos é online, mas a execução do serviço ocorre no espaço off-line (como no caso do Uber<sup>5</sup> e outros

---

<sup>4</sup> Plataforma para realização de microtarefas como freelancer, em que as trabalhadoras e os trabalhadores atuam de forma remota.

<sup>5</sup> Plataforma de transporte de pessoas, cuja mão de obra é intermitente e independente.



aplicativos de transporte). Nesse caso, estão os serviços de transporte e entrega de alimentos e encomendas, de aluguel de acomodações, e de tarefas domésticas e de cuidados.

O arranjo econômico e laboral das plataformas digitais discutido acima impacta diretamente na ordenação dos mercados erótico-sexuais plataformizados, que têm cada vez mais se organizado no entorno de intermediários digitais do sexo e erotismo comercial (Rand, 2019a). Esses intermediários passam a ser responsáveis por reunir oferta e demanda, fundamentando mercados online multilaterais, e também por mediar as relações entre as partes da transação, viabilizando e gerenciando as trocas financeiras e as práticas ofertadas (Sanders et al., 2018). Ademais, as plataformas se tornam ambientes para a criação e divulgação das marcas pessoais de trabalhadoras e trabalhadores sexuais, onde elas distribuem fotos, vídeos e contatos para seus outros locais de trabalho (Rand, 2019b). Como pontua Rand (2019a), ainda que os mercados erótico-sexuais sempre tenham se baseado em trocas multilaterais mediadas por intermediários diversos e se formulado a partir do empreendimento individual e autônomo de trabalhadoras e trabalhadores, a chegada das plataformas causa uma reorganização desses processos a partir da ampliação dos canais de comercialização e das modalidades de serviços e bens vendidos; da descentralização das indústrias do sexo e da produção de performances e conteúdos; da flexibilização do trabalho sexual; e da expansão material e geográfica da venda e compra de sexo e erotismo. Ademais, as plataformas estão se tornando atores centrais na organização do trabalho sexual digital, impelindo trabalhadores/as a atuarem como “empreendedores do sexo” (Rand, 2019b) cujas atividades online se dividem entre os serviços erótico e sexuais e a produção constante e renovada de conteúdo. Inclusive a divisão entre trabalhos diretos e indiretos colocada por Sanders et al. (2018) tem sido reforçada no ambiente das plataformas, aproximando os trabalhos digitais de modalidades como o *cloud work*, pontuado por Schimdt (2017).

### **Reestruturação dos mercados erótico-sexuais digitais no Brasil**

Nesta seção vou discutir os dados obtidos durante a pesquisa de campo, demonstrando o desenvolvimento de dois processos principais de transformação dos mercados erótico-sexuais digitais. O primeiro diz da tendência de descentralização desses mercados que se aprofunda com a chegada das plataformas, fundamentada na dinâmica do “empreendedorismo do sexo” (Rand, 2019b). O segundo versa sobre a recentralização desses mercados, que passam a ser cada vez mais concentrados em plataformas que estabelecem os formatos comerciais e laborais do sexo e erotismo comercial. Como informado anteriormente, não se trata de apresentar esses dois processos como resultados da dominância das plataformas, mas de revelar as dinâmicas de negociações e disputas que levaram a uma reconfiguração substancial dos comércio erótico-sexual no digital.

#### *Rumo à descentralização*

O processo de descentralização dos mercados erótico-sexuais nacionais se torna visível quando a constituição desses comércios é comparada em perspectiva histórica, tomando como

base de reflexão o conjunto de pesquisas dedicadas ao tema. No Brasil, esse processo começa a ser delineado a partir da chegada da internet e seus impactos para a produção pornográfica nacional (Díaz-Benítez, 2009; Parreiras, 2015). A indústria pornográfica, no início da década de 2000, vinha sendo desestruturada, com várias produtoras encerrando suas atividades devido aos novos modelos de produção trazidas por mídias como a televisão à cabo e o DVD (Díaz-Benítez, 2009). Com a entrada da internet nesse ramo, as tradicionais produtoras que concentravam a elaboração e distribuição da pornografia nacionalmente passaram a perder espaço para sites e hubs de vídeos, cada vez mais centrados em produções curtas, independentes e amadoras. O estabelecimento do *altporn* em meados da década de 2000 é também fruto desse contexto, abalando profundamente os pilares da indústria pornográfica baseada em grandes produtoras (Parreiras, 2015).

As duas inovações principais trazidas pela internet colaboraram cada uma a sua maneira para a descentralização dos mercados erótico-sexuais online. Os hubs de vídeo foram responsáveis por implementar a distribuição gratuita do pornô para uma ampla audiência conectada, compartilhando uma infinidade de vídeos que retratavam uma série de práticas sexuais, das mais tradicionais às fetichistas (Paasonen, 2018). O *altporn* traz uma nova lógica de produção da pornografia, que passou a ser baseada em pequenos estúdios que elaboravam de modo artesanal os vídeos e os filmes (Paasonen, ano; Parreiras, 2015). As produções do *altporn* possuíam estética amadora, eram protagonizadas por pessoas pouco conhecidas da grande indústria pornográfica e eram distribuídas de forma semi-gratuita na internet (Parreiras, 2015). Ambas inovações descentralizaram o poder das grandes produtoras de pornografia, que controlavam o processo de realização, distribuição e consumo do pornô no Brasil. Elas promoveram a chegada de novos atores institucionais e individuais para o universo pornográfico, ampliando o número de pessoas/negócios que poderiam atuar na cadeia produtiva desse mercado.

Enquanto a indústria da pornografia passava por profundas mudanças trazidas pela apropriação da internet nos mercados erótico-sexuais, chegava no Brasil uma nova forma de trabalho sexual totalmente adaptado ao digital: o webcamming comercial. Em meados da década de 2000, o webcamming se instituía como uma prática de comércio de sexo e erotismo online, fornecendo ao público performances ao vivo baseadas em suas preferências (Caminhas, 2020). A partir de 2010 essa indústria do exibicionismo online começa a se solidificar em solo brasileiro, à medida em que adotava o modelo das plataformas para organizar e gerenciar essa atividade (Silva, 2014; Caminhas, 2020). As plataformas de webcamming aprofundaram a descentralização dos mercados erótico-sexuais na medida em que elas abriram espaço para que profissionais do sexo desenvolvessem seus empreendimentos pessoais no exibicionismo utilizando de suas infraestruturas digitais. Assim, elas passaram a se assumir como intermediários e subsidiários da infraestrutura desse mercado de sexo e erotismo, mas não como indústrias sexuais que ordenam e gerenciam o comércio sexual e erótico. De acordo com a proposta das plataformas de webcamming, seriam os/as profissionais do sexo através de suas iniciativas individuais que promoveriam os serviços/produtos vendidos, sendo as plataformas

espaços para que esses negócios pudessem se desenvolver. Nas plataformas eles/as teriam espaço para criarem um perfil de trabalho, oferecer suas exposições conforme seus próprios critérios, comercializarem fotos e vídeos e estabelecer contato com sua clientela.

Ao longo da pesquisa etnográfica que realizei no universo do webcamming nacional, percebi que essa atividade abriu espaço para que várias pessoas ingressassem nos mercados erótico-sexuais digitais, muitas das quais não tinham passagem prévia nesses comércios (de minhas 15 entrevistadas, 11 eram novatas nesses mercados). O webcamming permitiu também que atores/atrizes pornô, muitos com contato prévio com a indústria pornográfica, pudessem expandir suas linhas de trabalho, criando suas próprias marcas pessoais enquanto trabalhadores/as sexuais (dentre minhas entrevistadas, três tinham passagem pelo *altporn*). Ao proporcionar oportunidades para que indivíduos formassem suas carreiras no erotismo e sexo comercial, o webcamming amplia o processo de deslocamento das tradicionais indústrias erótico-sexuais, situando o desenvolvimento desses mercados nas mãos de profissionais que seriam agora responsáveis por todo o processo produtivo, publicitário e comercial, atuando em diferentes frentes de trabalho sexual.

A retomada das principais mudanças que provocaram a descentralização dos mercados erótico-sexuais no digital demonstra que esse processo está diretamente atrelado ao modelo de “empreendedorismo sexual” (Rand, 2019b), em que os/as trabalhadores/as passam a ser produtores de conteúdo e gestores de seus negócios e marcas pessoais, sendo responsáveis por todas as etapas envolvidas no comércio de sexo e erotismo. Conforme pontua Rand (2019b), tanto a descentralização quanto o empreendedorismo sexual são parte do sistema *on demand* das plataformas digitais, que se assumem como infraestruturas de encontro entre oferta e demanda por determinados produtos/serviços. Como evidenciam Wood et al. (2019), as plataformas produzem um mercado intermitente e oscilante em que trabalhadores e consumidores adentram em uma relação comercial supostamente autorregulada. Esses mercados plataformizados se aproveitam do potencial de compartilhamento e produção autônoma outrora atribuído à internet (Terranova, 2000) para canalizar um sistema de produção em que os atores institucionais se colocam como meros suportes e os atores individuais são tomados como principais responsáveis pelos negócios (Ravenelle, 2016). Recuperando as duas modalidades centrais de trabalho em plataformas, *gig work* e *crowd work*, percebe-se como essa distribuição das responsabilidades é canalizada nas plataformas, que transformam os trabalhos em tarefas e atividades a serem executadas que dependem do planejamento individual dos próprios trabalhadores (Schimdt, 2017).

Se as plataformas exclusivas foram responsáveis por avançar a descentralização do sexo e erotismo comercial no digital, as plataformas abrangentes ficam incumbidas da tarefa de assentar esse processo, oferecendo outras oportunidades de atuação para trabalhadores/as sexuais. Elas expandem as possibilidades de comércio (incluindo uma diversidade de produtos/conteúdos e performances/serviços), os modos de relacionamento com o público, os meios de publicidade e as formas de obtenção de renda. Ainda mais assentadas no formato *on demand* do empreendedorismo sexual, em que não há definição daquilo que será

comercializado, como ocorrerá as trocas financeiras com a clientela, os preços praticados, e o modelo de trabalho sexual, as plataformas abrangentes centralizam ainda mais a figura do/a profissional do sexo como aquele/a que movimenta o mercado erótico-sexual online. Aqui vale assinalar que as plataformas abrangentes funcionam na lógica de fã-clubes, atuando como infraestruturas que permitem que os consumidores subsidiem aqueles/as trabalhadores/as que eles acompanham em mídias sociais. No espaço fornecido pelas plataformas, os clientes teriam acesso a mais conteúdos de seus/as profissionais favoritos, conteúdos exclusivos sempre atualizados para aqueles que pagam um valor diário, semanal ou mensal.

Nas entrevistas com as interlocutoras da pesquisa foi possível notar como essa tendência de descentralização dos mercados erótico-sexuais é responsável por alargar os negócios de sexo e erotismo online, que passam a ser interpretados como atividades autônomas, baseadas no empreendimento individual e na livre-escolha. A descentralização vem associada à liberdade e autonomia, elementos apontados nos diálogos como as principais motivações para o ingresso nesses mercados. De acordo com minhas entrevistadas, é a abertura e flexibilidade do comércio digital de sexo e erotismo que as atraiu, permitindo a entrada de pessoas que antes não se proporiam a atuar nesses ramos. Em suas narrativas, as entrevistadas apresentam uma interpretação sobre o trabalho sexual no digital, interpretação essa baseada em uma comparação: segundo elas, ao contrário do sistema das indústrias que promoveriam restrições na entrada e permanência nos mercados erótico-sexuais, controlando tanto a mão-de-obra quanto os valores recebidos por trabalho, as plataformas estariam assentadas em uma dinâmica da livre-concorrência, possibilitando a entrada e permanência de quem conseguisse ter sucesso nos negócios. Para trabalhar nas plataformas bastaria produzir um conteúdo atrativo e renovado e criar a própria marca pessoal para poder se tornar conhecida e procurada. As vantagens atribuídas ao trabalho sexual plataformizados estão diretamente atreladas à descentralização trazida pelas plataformas.

Angélica (paulista, cerca de 20 anos, há cinco anos no webcamming) apresenta com vivacidade o discurso da liberdade e autonomia das plataformas. Segundo ela, sua principal motivação para começar a atuar no webcamming foi “a possibilidade de eu estar ali voluntariamente, de acordo com aquilo que eu estiver disposta”. Completa afirmando que “eu não tenho horário para entrar, eu não tenho horário para sair da minha sala, posso ficar conectada 24 horas, posso ficar conectada duas horas, posso ficar desconectada 21 dias como já aconteceu. Eu quero tirar férias, pronto”. Essa narrativa centrada na autonomia e na agência das trabalhadoras percorreu todos os diálogos e, na maioria das vezes, veio associada à maior rentabilidade do sexo e erotismo comercial nas plataformas. O caso de Denise (carioca, cerca de 20 anos, há um ano no webcamming) é paradigmático nesse sentido: ela afirma ter entrado para o webcamming devido à liberdade proporcionada pela atividade e ao montante recebido diariamente por suas exibições. Segundo ela, sua participação no webcamming é “por diversão” e pelo “dinheiro fácil e rápido”. Denise pontua que a possibilidade de decidir o próprio horário, as práticas erótico-sexuais que irá realizar e estabelecer as metas financeiras é um grande atrativo das plataformas, permitindo que ela concilie um trabalho formal com sua atuação

online. Angélica também endossa esse ponto ao dizer que começou também “pelo dinheiro, porque seria bem pago e seria lucrativo”.

A interlocutora Carolina (carioca, cerca de 30 anos, há nove anos no webcamming) afirma que o dinheiro recebido no webcamming “vicia né, porque é um dinheiro fácil, não é que seja tão fácil, mas você está dentro de casa, é flexível”. Segundo ela, “não tem trabalho que vá fazer isso, o que recebo no site, não tem trabalho que vá me dar algo nem parecido”. Cibele (paulista, cerca de 20 anos, há seis no webcamming) assevera que “no começo, assim, você fica deslumbrada né, com o dinheiro, porque entra muito rápido”. A facilidade da na arrecadação vem acompanhada ainda da flexibilidade do trabalho e da autonomia que Cibele afirma possuir para definir sua rotina laboral. Fernanda (paulista, cerca de 20 anos, há um ano no webcamming) explica que “tem a vantagem financeira, é relativamente interessante os números que a gente consegue alcançar ali”. Além disso, “a gente pode fazer de casa, fazer em quase qualquer outro lugar, é flexível e eu tenho liberdade”.

Para as entrevistadas Anelise (paulista, cerca de 20 anos, há cinco anos no webcamming), Dandara (paulista, cerca de 20 anos, há quatro anos no webcamming) e Nicole (paulista, cerca de 20 anos, há cinco anos no webcamming) a liberdade proporcionada pelas plataformas se relaciona também a autonomia que elas têm em definir aquilo que irão exibir via webcam e quem elas irão atender. De acordo com Anelise, “eu escolho, eu faço as minhas regras, é algo que eu gosto muito nesse trabalho”. Dandara afirma que “aqui eu que mando né, eu mando no meu show, não é o usuário quem manda”. Nicole ecoa esses discursos ao dizer que “a plataforma te dá liberdade para escolher, escolher o que eu vou fazer e quem eu vou atender”. Essas narrativas demonstram que a descentralização dos mercados de sexo e erotismo avançada pelas plataformas trouxe ao trabalho sexual mais liberdade e autonomia para ser executado, sendo formatado e organizado pelas próprias profissionais. Ao contrário do que ocorreria em outros setores do sexo comercial ou mesmo em trabalhos formais, essa configuração das plataformas erótico-sexuais permitiria uma forma autodeterminada de atuação, baseada nas metas e aspirações das performers.

Outros três fatores associados à plataformização dos mercados erótico-sexuais digitais são a possibilidade de diversificação das fontes de renda e os mecanismos de segurança pessoal e financeira fornecidos pelas plataformas. Beatriz (paulista, cerca de 20 anos, há quatro anos no webcamming) e Manuela (paulista, cerca de 40 anos, há quatro anos no webcamming) endossam a possibilidade de se obter renda pelas plataformas e também por outras formas laborais simultaneamente. Segundo Beatriz, “eu precisava conciliar com a faculdade e com o trabalho, eu posso trabalhar uma vez na semana ou todos os dias, porque dá para conciliar, dá tempo”. Ela firma que sua renda aumentou substancialmente podendo estabelecer uma rotina flexível nas plataformas. De acordo com Manuela, “eu entrei [no webcamming] para ver se daria o retorno, porque fala que ganha alto, dez mil reais” e porque “eu queria conciliar com o meu outro trabalho, que é de garota de programa, e aumentar minha renda”. Para Manuela, a atuação nas plataformas permitiu que ela se mantivesse na prostituição, sua atividade central, e

conciliasse seu tempo livre com o webcamming. Ela afirma que as duas formas de arrecadação melhoraram seu estilo de vida e proporcionaram maior acesso a bens de consumo.

Para Denise, Fernanda e Jennifer (paulista, cerca de 20 anos, há cinco anos no webcamming), o fator da segurança proporcionada pelas plataformas é central. De acordo com as entrevistadas, nas plataformas é a própria profissional que controla sua imagem, seus dados pessoais e sua exposição online. Ademais, as plataformas estariam equipadas com mecanismos de proteção às performers, como botões de “chutar” ou “bloquear” usuários, mecanismos de pagamento sem identificação das profissionais, a possibilidade de esconder rosto e voz durante as performances. Segundo Denise, “tem muita segurança, eu não preciso dar meu nome, é o site que recebe e repassa o dinheiro, é segurança em todos os sentidos”. Para Jennifer “eu me sinto mais segura, eu faço dentro de casa, tem o site controlando, não tem exposição dos meus dados pessoais”. Fernanda vê “vantagem em manter o anonimato, a segurança, porque o site assume a responsabilidade de não divulgar os nossos dados pessoais e fazem um trabalho bem sério”. Esses discursos sobre a segurança vêm acompanhados por uma percepção de que as plataformas têm o interesse em manter suas parceiras salvaguardadas, porque essa proteção geraria maior adesão e confiança em relação as políticas das plataformas. Ademais, a segurança se relaciona com a manutenção das liberdades das profissionais, que irão decidir como irão se promover a atuar nesses mercados digitais.

As entrevistas evidenciaram um otimismo em relação à descentralização dos mercados erótico-sexuais digitais aprofundada pelas plataformas. Furto do modelo autodeterminado e sob demanda, a descentralização teria permitido a autonomia, a individualidade e a auto-gestão do trabalho sexual, elementos que tornaram a atuação no sexo e erotismo comercial online atrativo e vantajoso. Outro ponto fundamental é a possibilidade de elaboração de uma marca pessoal nesses mercados plataformizados, que teria permitido as mulheres selecionarem e direcionarem seu público e ampliar os valores cobrados pelos diversos conteúdos. Essas narrativas que corroboram e endossam o empreendedorismo sexual apareceram nas entrevistas quando as interlocutoras comentavam das vantagens e das motivações para entrarem para o webcamming. Os fatores aqui apresentados tiveram maior peso para as novatas, aquelas mulheres que não tinham passagem prévia pelos mercados erótico-sexuais. Apesar dessa postura otimista inicial, essas supostas vantagens vêm acompanhadas de entraves e desigualdades no processo laboral que também foram notados pelas entrevistadas. Quando ocorre o processo de recentralização, a independência e soberania das performers se choca com a ingerência das plataformas no trabalho sexual, que passa a ser gerenciado e ordenado em consonância à dinâmica sob demanda e intermitente dos mercados plataformizados.

### *O processo de recentralização*

Em concomitância à descentralização outro processo foi se estabelecendo nos mercados erótico-sexuais digitais nacionais, que corresponde à sua recentralização nas mãos das plataformas digitais. Vale mencionar que esse processo fica evidente quando as principais produtoras de pornografia, incluindo as de *altporn*, começam a distribuir suas produções nos

principais hubs de vídeos pornográficos do mundo, PornHub e Xvideos, que mais recentemente têm assumido um formato plataformizado. Em torno da virada para a década de 2010, esses hubs começam a ser povoados por produtoras que se interessam em ampliar seus canais de compartilhamento, colocando nesses espaços filmes e clipes gratuitos e pagos, ampliando seus canais de arrecadação. A centralidade desses hubs provoca um imenso impacto na indústria do pornô, uma vez que eles passam a centralizar as dinâmicas de distribuição, enfatizando o consumo abundante e gratuito da pornografia disponibilizado centralmente pelos hubs<sup>6</sup>. Entretanto, esses hubs assumiram a dianteira na etapa de distribuição dos vídeos e não no estímulo à produção individual e autônoma de produtos e serviços eróticos e sexuais, fundamentando um empreendedorismo sexual – que veio a se consolidar com a chegada de plataformas para webcamming e plataformas como OnlyFans e ModelHub.

A chegada das plataformas para webcamming no Brasil ilustra mais uma etapa da recentralização. No país, apenas duas plataformas monopolizam o comércio de exibições online, solapando novos empreendimentos. Na pesquisa desenvolvida por Silva (2014) sobre o webcamming, foram localizadas nove plataformas em que as/os performers atuavam entre 2010 e 2014. Em minha pesquisa de doutorado, entre 2016 a 2020, encontrei somente quatro plataformas, sendo que apenas duas delas controlavam o mercado de webcamming, centralizando performers e usuários. A estratégia dessas plataformas dominantes foi aprofundar a tendência de autonomização do trabalho sexual que já vinha ocorrendo na pornografia desde a chegada da internet até a ascensão dos hubs de vídeos. À medida em que elas atribuíam a responsabilidade da produção e comercialização de serviços/produtos erótico-sexuais aos/as trabalhadores/as descentralizando essas etapas, elas se tornavam centrais nos negócios de sexo e erotismo ao controlar o fluxo de pessoas por meio de cadastramento; a execução do trabalho sexual por meio de sistemas de avaliação; a formatação dos mercados por meio da promoção de um modelo comercial e laboral estabelecido em função de suas infraestruturas. Ainda que haja o emprego de outras plataformas na exibição online, a exemplo do Skype, elas não conseguem ser centrais no webcamming, principalmente porque elas exigem um exacerbado investimento de tempo e trabalho para produzir os conteúdos e a publicidade para angariar a clientela, sem oferecer as contrapartidas de segurança pessoal e financeira.

As plataformas para webcamming, muito mais do que fornece uma infraestrutura técnica, ofereceram aos mercados erótico-sexuais digitais um modelo de negócios, que seria organizado e gerenciado por elas. A base desse modelo é o comércio de salas online para a realização das performances, que são pagas a partir de taxas de manutenção estabelecidas pelas plataformas (em geral, correspondem a 40 ou 50% dos ganhos totais). Além desses espaços, as plataformas definem modalidades de chats pagos (cobrados por minutos), em que os/as profissionais poderão realizar suas performances<sup>7</sup>. Esses chats são moderados pelas

---

<sup>6</sup> Esse diagnóstico pode ser encontrado em: <https://www.vox.com/conversations/2017/10/6/16435742/jon-ronson-butterfly-effect-internet-free-porn> e <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/tv/features/jon-ronson-interview-porn-pornhub-podcast-last-days-august-ames-a8867236.html>

<sup>7</sup> Há três modalidades de chats centrais: o simples, o privado e o exclusivo. Na época de minha investigação, esses chats tinham valores pré-estabelecidos pelas plataformas, que correspondiam a R\$1,35, R\$2,40 e R\$2,55 o minuto

plataformas, que estabelecem critérios mínimos para sua utilização. A utilização desses espaços online é moderada por termos de uso e privacidade que funcionam como bases contratuais entre as empresas, os/as trabalhadores/as e os usuários. Esse modelo congrega também o comércio de conteúdos exclusivos, geralmente fotos e vídeos, que ficam acessíveis apenas nas plataformas e são vendidos a valores fixos. Mais recentemente, surgiu a modalidade de *stories premium*, que também são taxados separadamente, sendo mais um produto exclusivo das plataformas. Ainda que essas outras possibilidades comerciais promovam um aumento de arrecadação dos/as performers, elas acabam por proporcionar uma ampliação dos negócios das plataformas, uma vez que a cada item vendido as plataformas retêm uma porcentagem.

As plataformas estabelecem e controlam o sistema de recebimento e repasse do dinheiro, estabelecendo as regras para pagamentos dos produtos/serviços e da retirada dos ganhos pelos/as performers. Para os/as trabalhadores/as, há um montante mínimo que pode ser retirado (a partir de R\$50 ou R\$100) e também uma quantidade máxima de transações mensais. Caso o/a profissional faça suas retiradas fora do sistema estabelecido pelas plataformas, eles/as pagam taxas correspondentes aos saques adicionais. Outros dois elementos centrais dos modelos de negócio das plataformas são a função dos gerentes de contas e as dinâmicas de exclusividade. Em primeiro lugar, as plataformas destinam gerentes para administrar as atividades nas salas dos/as performers e oferecer apoio às dúvidas e litígios que venham a ocorrer. Esses gerentes atuam como agentes moderadores, sendo responsáveis por acompanhar o andamento das atividades no interior das plataformas. Em segundo lugar, há a dinâmica da exclusividade, que consiste em um acordo entre as plataformas e os/as profissionais para que eles atuam apenas em um site, participando também de suas campanhas publicitárias. Em troca da exclusividade, as plataformas oferecem bônus, que podem ser um destaque na homepage, formas flexíveis de retirada do dinheiro, menores taxas de transação.

O negócio proposto pelas plataformas de webcamming têm ampla adesão nos mercados erótico-sexuais digitais porque ele prevê dois benefícios centrais aos/as trabalhadores/as: primeiro, ele reúne em um único espaço considerado seguro e controlado os/as performers e seu público consumidor, possibilitando o comércio em ampla escala das exposições online e de outros conteúdos erótico-sexuais; segundo, ele se responsabiliza por manter a segurança pessoal e financeira para ambas as partes da transação, controlando a entrada e saída de dinheiro e dados pessoais. Como será demonstrado mais adiante nas entrevistas, os/as profissionais vêm as plataformas como agentes centrais e fundamentais no webcamming porque elas proporcionam uma publicidade ampliada de seus produtos/serviços e um espaço seguro para comercializá-los. É exatamente esse apelo às facilidades e comodidades geradas pelas plataformas que permitem que elas monopolizem o mercado de webcamming, sendo muito mais do que intermediárias desses negócios, mas suas gestoras e administradoras principais.

A chegada de plataformas como OnlyFans e ModelHub nos mercados erótico-sexuais digitais brasileiros, baseadas na lógica da fidelização de usuários que atuam como fãs dos/as

---

(os voyeurs pagavam R\$1,65 o minuto). Atualmente houve uma mudança nesse sistema, e cada performer decide os valores cobrados por exibição (as tarifas variam de R\$1,05 a R\$2,85 o minuto).



profissionais, aprofundam a tendência de concentração. Elas promovem, tal como as plataformas para webcamming, espaços para que os/as performers possam comercializar seus produtos e serviços; entretanto, elas não definem os produtos e serviços centrais, abrindo espaço para a venda de uma série de “conteúdos” produzidos e atualizados constantemente. Essas plataformas propiciam o desenvolvimento das marcas pessoais dos/as profissionais, permitindo que eles/as criem sua base de usuários/fãs que pagam por dia, por semana ou por mês para acessar seus “conteúdos” e acompanhar suas rotinas de trabalho – estabelecendo um sistema de financiamento do/da performer em troca do acesso aos conteúdos. Os valores praticados ficam à cargo dos/as trabalhadores/as, que podem cobrar taxas de acesso ou preços fixos por pacotes de vídeos, fotos ou clipes. No sistema das plataformas abrangentes, baseadas no empreendimento individual e na constante produção e renovação dos conteúdos, os/as performers que mantêm seus perfis atualizados e ativos são os que têm mais destaque nas homepages.

As plataformas abrangentes aprofundaram a tendência inaugurada pelo webcamming de deslocar o trabalho sexual para a produção de performances e conteúdos sob demanda, centralizando a execução de tarefas e atividades que são direcionadas pelas expectativas de um público consumidor. Com as plataformas abrangentes se nota também um esvaecimento das fronteiras que demarcavam as diversas formas de trabalho sexual digital, centralmente a divisão entre webcamming e pornografia, na medida em que elas são espaços de produção e distribuição de performances e produtos que se encaixam em ambas as modalidades. Destarte, com as plataformas abrangentes há uma nova concentração e centralização, já que elas são as principais infraestruturas que ordenam e permitem a produção desse mercado erótico-sexual sem fronteiras. Elas passam a promover tanto uma nova possibilidade de trabalho sexual quanto os meios para exercê-lo, criando uma imensa demanda por suas infraestruturas digitais.

É interessante notar como a recente reestruturação dos mercados erótico-sexuais digitais no Brasil segue os processos de implementação da economia *on demand* apontada pela literatura como um desdobramento das plataformas digitais (Schwarz, 2017). Ela segue a mesma lógica que outras economias plataformizadas, em que as plataformas tanto propuseram um modelo laboral e econômico quanto conformaram as infraestruturas e os affordances necessários para implementá-los (Calo e Rosenblat, 2017). Esse duplo processo é responsável pela concentração das economias digitais nas mãos das plataformas, dando a elas a prerrogativa de definir as dinâmicas de trabalho e arrecadação (Calo e Rosenblat, 2017). Ainda que esse modelo das plataformas ampliam as possibilidades laborais e abram espaço para novos atores nos mercados, ele é baseado na regulação das oportunidades que tende a segregar e a achatam as economias plataformizadas (Schmidt, 2017). Esse fenômeno é particularmente intrigante nos mercados erótico-sexuais, que sempre foram marcados por um sistema de demanda e sempre tiveram um componente artesanal (Piscitelli, 2016) e outro industrial (Weitzer, 2010) que conformavam o sexo comercial como um empreendimento pessoal. A diferença do processo atual de reestruturação corresponde à entrada de novos atores nesses negócios, que deslocaram o modelo comercial dos mercados erótico-sexuais e transformaram suas modalidades laborais.

Em primeiro lugar, há uma hibridização do modelo comercial, que passa a depender do funcionamento conjunto dos componentes industriais (das plataformas) e artesanais (do empreendimento individual). Em segundo lugar, o novo sistema sob demanda centraliza ainda mais a produção de marcas pessoais e de empreendimentos individuais, que ficam à cargo de trabalhadores/as que movem a máquina de produção de conteúdo e execução de atividades/tarefas envolvendo sexo e erotismo.

Nas entrevistas com as interlocutoras é possível compreender como esse processo de concentração produz uma necessidade de que as performers se adaptem ao *modus operandi* das plataformas, muitas vezes se tornando dependentes delas para desenvolver seus empreendimentos pessoais. Como bem pontua Rand (2019a), as plataformas nos mercados erótico-sexuais digitais tendem a estabelecer as regras do jogo, submetendo os/as trabalhadores/as às suas infraestruturas econômicas e laborais. Durante as entrevistas, as profissionais chamaram a atenção para vários dos elementos econômicos das plataformas que interferem diretamente na gestão de seus trabalhos. O primeiro deles foi o sistema de recebimento, que organiza as rotinas laborais das mulheres e serve como base de projeção de suas metas financeiras. Angélica explicou que a cada exibição, a plataforma retém automaticamente sua taxa de manutenção, deixando na conta da performer apenas o valor líquido. Segundo ela, receber o montante final com o débito da comissão da plataforma facilita para estabelecer suas metas mensais de arrecadação. Entretanto, ela considera que esse sistema traz pelo menos dois problemas centrais para as trabalhadoras: primeiro, ele dificulta o cálculo do valor total recebido pelas exibições, principalmente aquelas com voyeur em que são pagos dois valores distintos; segundo, ele impede que a profissional possa acompanhar a variação das taxas cobradas pela plataforma, uma vez que ela é retirada automaticamente. Associado a isso, Denise pontua que as retiradas são controladas pelos critérios das plataformas, que estabelecem um valor mínimo para a movimentação do dinheiro e também uma frequência máxima de saques. Ainda que ambas as performers vejam amplas vantagens nesse sistema de recebimento, que é considerado seguro e impessoal (não envolve contato direto com o usuário para a cobrança das exibições), elas concordam que ele dificulta a gestão dos valores recebidos.

Outro ponto importante do modelo das plataformas interpretado como dúbio é a modalidade de exclusividade. Para Fernanda, a exclusividade vem acompanhada de vários benefícios, sobretudo aqueles relacionados às facilidades na administração do dinheiro online e à visibilidade nas plataformas. Fernanda conta que é o gerente de conta que procura cada performer para oferecer a exclusividade e apresentar os benefícios que ela terá caso aceite o convite. Para cada profissional, é ofertado um tipo de vantagem. Assim, a exclusividade é um sistema que se adapta às necessidades de manter o maior número de performers nas plataformas, um sistema que é oferecido apenas a um número específico de mulheres e que não permite amplas negociações. Dentre minhas interlocutoras, 12 estavam atuando com exclusividade.

O sistema de exclusividade vem acompanhado de outro fator, que é a presença das mulheres nas plataformas. Nos trabalhos sexuais plataformizados, a participação e o destaque

no online é um fator central, que é facilitado pela exclusividade. Como pontuou Gisele, “as plataformas são interessantes, e centrais, porque lá tem uma vitrine, tem a divulgação, você está visível”, principalmente se você é exclusiva. Para Dandara, além das vantagens relativas à visibilidade trazidas pelo modelo de plataformas, em que “você fica na lista de salvos da pessoa e ela é sempre atualizada quando você entra”, há a exclusividade que amplia ainda mais o destaque das mulheres nas homepages e nas mídias sociais das próprias plataformas. Segundo ela, essas são as melhores divulgações no webcamming, já que há um ator institucional responsável por proporcionar maior visibilidade às mulheres e conectá-las com seus usuários.

Toda a atenção e visibilidade para o perfil das profissionais trazida pelas plataformas permite que as mulheres consigam estabelecer um público fixo para seus shows, que comparecem em suas salas semanal ou mensalmente. Como pontuou Angélica, ter um público cativo “é uma coisa viciante, eu tenho usuários que vão todos os dias na minha sala para falar comigo, que me cobram quando eu não entro”. Por causa deles, “eu posto foto, eu posto vídeo, eu respondo recados, respondo comentários em fotos, posto meu dia-a-dia” em seu perfil na plataforma. Jennifer e Eliane (catarinense, cerca de 32 anos, há cinco anos no webcamming) concordam com Angélica. Para ambas as profissionais, o modo de funcionamento das plataformas é responsável por concentrar os usuários e permitir que eles frequentem as mesmas salas e perfis repetidas vezes. Quanto mais um usuário se torna cativo, mais se ampliam as garantias de arrecadação das profissionais. Ademais, a fidelidade faz com que elas se tornem conhecidas em alguns núcleos de usuários, sendo sempre buscadas por eles. Contudo, Eliane aponta que “quanto mais você é vista, você está ali todos os dias, sua presença é mercada e vai surgir cliente. Agora se você fica dividindo muito [atuando em mais de uma plataforma] ou entra pouco, vai ter aquele cliente potencial que você vai perder”. Ou seja, a visibilidade e a presença são indispensáveis e também são centralizadas pelo modelo implementado pelas plataformas.

Ainda que todas as entrevistadas concordem que há amplas vantagens no *modus operandi* das plataformas, algumas delas pontuam os problemas associados à concentração do público nesses espaços. Carolina foi bem enfática ao dizer que as plataformas acabam centralizando os usuários em seus espaços, vistos como o único ponto de encontro seguro e confiável para sua interação com as performers. Esse processo faz com que as profissionais dependam dessas infraestruturas para desenvolver suas exposições, sem poder contestar ou objetar as taxas praticadas. As plataformas ficam com o controle do negócio de webcamming porque elas concentram as pessoas envolvidas nesse comércio e as possibilidades de oferta dos serviços. Elas também se veem em vantagem porque as trabalhadoras passam a depender delas para se tornarem assíduas e visíveis no online. Segundo Carolina, ainda que as plataformas sejam responsáveis por ordenar esses mercados, elas não oferecem nenhum tipo de garantia para as performers. “Aqui não, se você ficar doente um dia, você vai perder um dia, se você ficar doente dois dias, você perdeu dois dias, e depois tem que correr atrás do prejuízo”. Lúcia (paulista, cerca de 20 anos, há quatro anos no webcamming) adiciona um problema com fraudes financeiras que comumente ocorrem devido ao uso de cartões de crédito clonados e que gera

um imenso prejuízo para as performers. A postura das plataformas, como “intermediárias” da infraestrutura de trabalho, é resolver quaisquer pendências financeiras com prejuízo para as performers.

Mesmo que a maior parte de minhas interlocutoras reconheça os problemas gerados pela concentração do mercado de webcamming nas plataformas, elas pontuam um fator central para sua adesão a elas: os protocolos de segurança que as elas garantem tanto para a interação com os usuários, quanto para o recebimento dos valores das exposições. Esses protocolos, interpretados pelas entrevistadas com uma vantagem, é mais um fator que promove o monopólio das plataformas e sua ingerência no trabalho sexual. Eliane foi a performer que explicou com mais detalhe esses protocolos. Segundo ela, “tem essa vantagem da segurança né, porque você não corre risco, você tem liberdade para atender quem quiser e tem garantia do dinheiro”. “Tem a questão do pagamento, principalmente, porque os clientes, querendo ou não, têm que fazer um cadastro, dependendo do valor se é muito grande é bloqueado, é analisado”. E completa: “então tem suporte nesse sentido, e também se o cara vem e às vezes te ofende, às vezes dá a entender que te conhece, tem todo o suporte para isso, eles averiguam essas informações”. Angélica e Dandara também atentaram para esse fator em suas falas. Para elas, não ter que passar suas informações pessoais aos usuários e nem ter que lidar com o processo de negociação e recebimento de valores é uma imensa vantagem das plataformas que faz com que elas permaneçam atuando nesses espaços. Em contraposição, trabalhar com o webcamming fora das plataformas centrais é sinônimo de risco e de exposição.

Para finalizar esta seção, vale mencionar que a centralidade e o monopólio das plataformas nos mercados erótico-sexuais digitais são desafiados pela apropriação do Twitter, uma mídia social que atua como mediadora entre esses negócios plataformizados. Todas as minhas interlocutoras utilizam o Twitter com a finalidade de estabelecerem seus empreendimentos individuais e ampliarem sua marca nos mercados digitais. Elas o utilizam para vender fotos e vídeos, pacotes promocionais, promover rifas e vaquinhas, comercializar acesso ao seu WhatsApp ou Telegram. Ele serve também para direcionar os usuários para seus perfis nas diversas plataformas em que atuam e para atualizá-los de suas atividades online. Anelise afirmou que o Twitter permite a produção constante de conteúdos, que são anunciados e comercializados nessa mídia social. Para a performer, o Twitter é o mediador dos trabalhos nas plataformas, uma vez que ele permite reunir todos os produtos e serviços que são ofertados em vários locais em um único perfil pessoal e amplamente acessível. Segundo sua narrativa, é o Twitter que traz a possibilidade de um “empreendedorismo sexual”, porque é nele em que os negócios pessoais de cada performer podem ser construídos e tornados visíveis. Enquanto as plataformas são os espaços de atuação e arrecadação por excelência, o Twitter é o espaço em que é possível construir a própria marca e angariar e fidelizar o público. Destarte, o Twitter funciona nesses mercados de duas formas: como uma possibilidade de emancipação das plataformas, permitindo que as profissionais determinem suas formas de trabalho e gerenciem seu processo de venda; como um braço das plataformas, direcionando os usuários para essas infraestruturas e fortalecendo sua presença nos mercados erótico-sexuais digitais. Por fim, vale

salientar que o próprio Twitter se constitui como plataforma, ordenando e gerenciando as formas de atuação e presença em sua infraestrutura online.

### **Considerações: os mercados erótico-sexuais plataformizados**

Este estudo demonstrou a reestruturação dos mercados erótico-sexuais provocada pela chegada de plataformas digitais, que promoveram um duplo processos de descentralização e recentralização desses negócios. Ambos processos iluminam a faceta plataformizada do sexo e erotismo comercial online, organizada por um modelo econômico sob demanda. Foram duas questões principais trazidas pelo estudo. Primeiro, desvelou-se as transformações na economia do sexo e erotismo com o aparecimento de novos atores sociais que passaram a regular a oferta e a procura por serviços e produtos e a administrar o trabalho sexual. Ademais, situou-se como esses atores hibridizaram o modelo de negócios, tornando-os baseados em uma infraestrutura empresarial que requer uma mão-de-obra artesanal e individual para se manter. Pontuou-se a diluição das fronteiras entre as formas de trabalho sexual no digital, que passaram a ser condensadas na produção de conteúdo e na execução de atividades/tarefas. Segundo, revelou-se uma profunda modificação nos contornos do trabalho sexual, que passa a funcionar cada vez mais na lógica do empreendimento individual. Ainda que toda forma de trabalho sexual possa ser compreendida como um empreendimento individual, a novidade é que nas plataformas ele passa a ser direcionado pela marca pessoal do/a performer e pelos conteúdos/tarefas que ele/a produz. Assim sendo, o trabalho sexual se torna um trabalho de produção de conteúdo que muito se assemelha à lógica dos influencers digitais (Drenten et al., 2019). Nas plataformas, as/os profissionais são produtores de conteúdo erótico e sexual que angariam um público por meio de sua presença e visibilidade no digital.

A reestruturação dos mercados erótico-sexuais provocada pelas plataformas fundamenta um campo contencioso em que as próprias plataformas e os/as trabalhadores/as sexuais disputam e estabelecem os termos e as condições para o trabalho sexual e para a gestão dos mercados. Como foi salientado, as plataformas têm prerrogativa na organização desses empreendimentos e seus formatos laborais, uma vez que elas monopolizam suas infraestruturas técnicas e comerciais impondo um modelo *on demand*. Contudo, buscou-se evidenciar como as/os profissionais se posicionam e se engajam nos formatos laborais plataformizados, empregando os meios que estão disponíveis para se beneficiarem dessas estruturas (tal como ocorre com o amplo emprego do Twitter). Certamente o uso do Twitter e a negociação com os modelos das plataformas não extravasam os limites impostos por esses novos atores ordenadores dos mercados erótico-sexuais digitais, mas permitem que os/as performers formulem suas próprias formas de atuar nessas infraestruturas, elaborando negócios que são condizentes com suas marcas pessoais e com os affordances das plataformas.

Por fim, cabe salientar a novidade do tema deste estudo no Brasil, sobretudo a partir de uma visada econômica e laboral. Este artigo buscou provocar a discussão sobre a crescente plataformização dos mercados erótico-sexuais digitais e suas consequências para a economia e o trabalho do sexo e erotismo. Assim sendo, são muitos os desafios investigativos e analíticos

colocados por essa realidade em transformação que merecem atenção e elaboração. Aqui pontua-se apenas dois principais. Primeiro, é primordial aprofundar a compreensão dos processos de descentralização e recentralização comentados neste trabalho, evidenciando como eles ocorrem de modo simultâneo e são responsáveis por formular uma economia *on demand* do sexo e erotismo no digital. Segundo, é fundamental entender as modalidades de trabalho sexual nas plataformas e o lugar da produção de conteúdo nelas. Compreender esses contornos é fundamental para discutir as condições impostas hoje ao trabalho sexual, incluindo seus pontos vantajosos e desvantajosos. Ademais, seria essencial compreender como essas modalidades de trabalho se relacionam com o *gig work* ou o *crowd work*, tendências percebidas em outros mercados plataformizados (Schmidt, 2017). Finalmente, afirma-se que este texto é um convite à reflexão desse novo fenômeno, buscando delinear uma agenda de pesquisa fundamental para entender os contornos contemporâneos do sexo e erotismo comercial.

## Referências

- Agustín, L. (2007). *Sex at the margins: migration, labour markets and the rescue industry*. London: Zed Books.
- Attwood, F. (2007). No money shot? Commerce, pornography and new sex taste cultures. *Sexualities*, 10(4), 441-456.
- Bleakley, P. (2014). “500 tokens to go private”: Camgirls, cybersex and feminist entrepreneurship. *Sexuality & Culture*, 8(4), 892-910.
- Calo, R & Rosenblat, A. (2017). The taking economy: uber, information and power. *Columbia Law Review*, 11(7), 1623-1690.
- Caminhas, L. (2020a). *Webcamming erótico comercial no contexto brasileiro: organização, estruturação e dinâmicas internas*. Tese (Doutorado). Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, 232 p.
- Cunningham, S; Kendall, T. (2011). Prostitution 2.0: the changing face of sex work. *Journal of Urban Economics*, 69, 273-287.
- Cunningham et al. (2017). Behind the screen: commercial sex, digital spaces and working online. *Technology in Society*, xxx, 1-8.
- Da Silva, A; Blanchette, T. (2009). Amor um real por minuto: a prostituição como atividade econômica no Brasil urbano. In: Correa, S; Parker, R (Org.). *Sexualidade e política na América Latina: histórias, interseções e paradoxos*. Rio de Janeiro: SPW, 192-233.
- Díaz-Benítez, M. (2009). *Nas redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro*. Tese (Doutorado). Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 290p.
- Gillespie, T. (2010). The politics of ‘platforms’. *New media and society*, 12(3), 347-364.
- Gorwa, R. (2019). What is platform governance? *Information, Communication & Society*, 22(6), 1-18.
- Helmond, A. (2015). The platformization of the web: making web data platform ready. *Social media and Society*, 1(2), 1-11.
- Hine, C. (2015). *Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday*. London: Bloomsbury Publishing.
- Langley, P; Leyshon, A. (2016). Platform capitalism: the intermediation and capitalization of digital economic circulation. *Finance and Society*, 3(1), 1-21.
- Miller, D; Horts, H. (2012). The digital and the human: a prospectus for digital anthropology. In: Horst, H; Miller, D (orgs). *Digital Anthropology*. London: Berg, 3-38.
- Paasonen, S. (2018). Online porn. In: Brugger, N. et al. *The sage handbook of web history*. London: Sage, p. 551-563.
- Parreiras, C. (2015). *Altporn, corpos, categorias, espaços e redes: um estudo etnográfico sobre pornografia online*. Tese (Doutorado). Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, 267p.

- Piscitelli, A. (2005). Viagens e sexo online: a internet na geografia do turismo sexual. *Cadernos Pagu*, (25), 281-326.
- \_\_\_\_\_. (2016). Economias sexuais, amor e tráfico de pessoas: novas questões conceituais. *Cadernos Pagu*, (47), 1-31.
- Poell, T. et al. (2020). Plataformisation. *Revista Fronteiras*, 22(1), 2-10.
- Rand, H. (2019a). *Digital sex markets: entrepreneurialism and consumption within an uncertain regulatory framework*. PhD Thesis. PhD in Sociology, University of Essex, 284p.
- \_\_\_\_\_. (2019b). Challenging the invisibility of sex work in digital labour politics. *Feminist Review*, (123), 40-55.
- Ravenelle, A. (2017). Sharing economy workers: selling, not sharing. *Cambridge Journal of Regions, Economy and Society*, (10), 281-295.
- Rufas, A. & Hine, C. (2018). Everyday connections between online and offline: imagining others and constructing communities through local online initiatives. *New Media & Society*, 00(0), 1-19.
- Sanders, T. et al. (2018). *Internet sex work: beyond the gaze*. United Kingdom: Palgrave MacMillan.
- Schmidt, F. (2017). Digital labour markets in the platform economy: mapping the political challenges of crowd work and gig work. FRIEDRICH-EBERT-STIFTUNG PROJECT. *Division for economic and social policy*, 1-28.
- Schwarz, J. (2017). Platform logic: an interdisciplinary approach to the platform-based economy. *Policy & Internet*, 9(4), 374-394.
- Silva, W. (2014). *O sexo incorporado na web: cenas e práticas de mulheres strippers*. Tese (Doutorado). Doutorado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 305p.
- Terranova, T. (2000). Free labor: producing culture for the digital economy. *Social Text*, 18(2), 33-58.
- Van Dijck, J. et al. (2018). *The platform society: public values in a connective world*. Oxford: Oxford University Press.
- \_\_\_\_\_. (2014). Datafication, dataism and dataveillance: big data between scientific paradigm and ideology. *Surveillance and Society*, 12(2), 197-208.
- Van Doorn, N. (2017). Platform labor: on the gendered and racialized exploitation of low-income service work in the “on-demand” economy. *Information, Communication and Society*, 20(6), 898-914.
- Weitzer, R. (2010). Sex work: paradigms and policies. In R. Weitzer (Ed.). *Sex for sale: prostitution, pornography, and the sex industry*. New York: Routledge, pp. 1-45.
- Wood, A. et al. (2019). The (dis)embeddedness of digital labour in the gig economy. *Sociology*, 53(5), 931-950.